

MANDUCA · IDALAMARÊ · NECHUANDÊ · TAWANDÊ · IALAKOLORÊ · SABANÊ



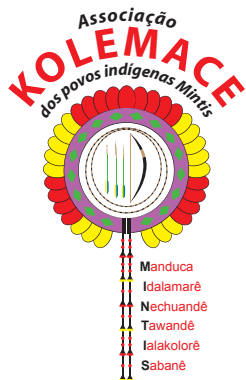
PLANO DE GESTÃO
TERRA INDÍGENA PIRINEUS DE SOUZA



SABANÊ • TAWANDÊ • MANDUCA • NECHUANDÊ • IDALAMARÊ • IALAKOLORÊ

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL DA TERRA INDÍGENA PIRINEUS DE SOUZA

Terra Indígena Pirineus de Souza. Vale do rio Juruena.
Mato Grosso. Brasil.
2013



Autoria

Povos Sabanê, Tawandê,
Manduca, Nechuandê,
Idalamarê e Ialakolorê
da Terra Indígena
Pirineus de Souza

Organização, edição e concepção gráfica

Artema Lima
Juliana de Almeida

Consultoria ambiental

Tarcísio da S. Santos Junior

Edição dos mapas

Rodrigo Marcelino

Colaboradores

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa (Antropologia)
Juliana de Almeida (Antropologia)
Edimilson Franco
Loike Kalapalo

Revisão

Andreia Fanzeres
Ivar Luiz V. Busatto

Execução técnica

Juliana de Almeida
Artema Lima
Andreia Fanzeres
Fabiano da Matta

Coordenação executiva da OPAN

Ivar Luiz V. Busatto
Lola Campos Rebollar
Rochele Fiorini

Administração e logística

Antonio Tadeu M. Escame
Fernanda de Oliveira Silva
Raquel Solano
Lucirlene Silveira

Fotografias

Andreia Fanzeres
Artema Lima
Tarcísio da S. Santos Junior
Jurandi Sabanê
Aparecida Tawandê
Juliana de Almeida
Fabiano da Matta

Fotos da capa

Andreia Fanzeres

Diagramação

 IrisDesign
www.irisdesign.com.br

ÍNDICE

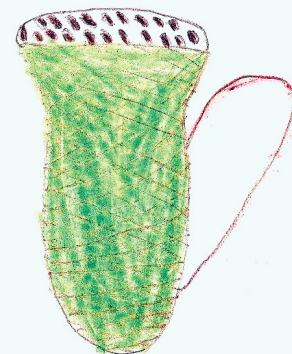
Apresentação	7
Projeto Berço das Águas	9
Os grupos Nambiquara da Terra Indígena Pirineus de Souza	10
Mapa de localização da Terra Indígena Pirineus de Souza	12

1ª Parte - Onde e como vivemos?

O nosso território	16
As roças	18
O patuazal	26
O morcegal.	38
O ritual da menina moça	46

2ª Parte - Como estamos pensando o futuro?

Território tradicional	64
Roças tradicionais no nosso calendário	66
Geração de renda nas aldeias	69
Educação é o nosso território	70
Melhorar a saúde	72
O ritual da menina moça é desde o começo do nosso surgimento	74
A associação está junto com a comunidade	77





APRESENTAÇÃO

Este plano pode fortalecer a nossa cultura e caça tradicional. Também pode fortalecer a nossa língua materna, e já estamos trabalhando isso com os mais velhos. Eles são a nossa história, juntamente com os professores que vêm atuando com os caciques.

Este plano vem beneficiar futuramente a nossa comunidade, como na parte de roça tradicional e no fortalecimento da cultura, que é a festa da menina moça. Tem pintura corporal e plantio tradicional como feijão-fava, feijão-andu, feijão-costela, mandioca d'água, cará, taioba, batata-doce, amendoim, abobora, melancia, araruta, banana, urucum e açafrão.

Queremos que as autoridades também possam conhecer a nossa cultura, que vem sendo valorizada pe-

las outras entidades. O nosso conhecimento é passado de geração a geração.

Por isso este conhecimento está mais fortalecido na nossa Terra Indígena Pirineus de Souza, localizado no município de Comodoro.

Neste território estamos divididos em seis aldeias em vários grupos que são Sabanê, Tawandê, Manduca, Idalamarê, Ialakolorê, Nechuandê. Também temos a orientação de saúde, patrocinada pela SESAI e educação, SEMEC, SEDUC, FUNAI, CIMI e OPAN, esses órgãos contribuem nas áreas.

Esperamos que o nosso conhecimento seja valorizado pelos outros povos e parentes da nossa região.



PROJETO BERÇO DAS ÁGUAS



A Petrobras investe em iniciativas que visam à proteção ambiental e à difusão da consciência ecológica em sua política de patrocínio através do Programa Petrobras Ambiental. O Programa prevê um investimento de R\$ 500 milhões em projetos voltados para a gestão de corpos hídricos superficiais e subterrâneos, a recuperação e conservação de espécies e ambientes costeiros, marinhos e de água doce e a fixação de carbono e emissões evitadas no período entre 2008 e 2012.

Ao apostar em ideias com potencial transformador, o Programa Petrobras Ambiental contribui para o desenvolvimento sustentável, considerando o equilíbrio entre gerações, necessidades humanas e integridade da natureza. Essas relevantes iniciativas ambientais oferecem alternativas econômicas, sociais e ambientais em sinergia com políticas públicas. Acreditando nisso, a Petrobras patrocina o Projeto Berço das Águas.

O projeto, iniciado em 2011, abrange o apoio à gestão territorial indígena através de ações como o suporte técnico ao manejo e a estruturação cadeias de produtos florestais não madeireiros na bacia do rio Juruena, em

Mato Grosso, numa área de transição entre o Cerrado e a Amazônia. Nesta região, as terras indígenas desempenham papel fundamental não só para proteger ativos florestais e hídricos essenciais aos dois biomas mas, sobretudo, para garantir o fortalecimento das culturas de povos originários.

O Projeto Berço das Águas tem mostrado que um novo modelo socioeconômico para regiões pressionadas pelo desmatamento no Mato Grosso é possível a partir das referências e modos de vida dos povos indígenas. Seus desejos, sua história e suas propostas estão expressos em planos de gestão territorial.

O Plano de Gestão Territorial da Terra Indígena Pirineus de Souza foi construído no âmbito do Projeto Berço das Águas pelos indígenas e em parceria com a Operação Amazônia Nativa (OPAN), organização da sociedade civil que há mais de 40 anos atua visando o fortalecimento do protagonismo indígena no cenário regional, valorizando seus modos de organização social através da qualificação das práticas de gestão de seus territórios e recursos naturais, com autonomia e de forma sustentável.

OS GRUPOS NAMBIQUARA DA TERRA INDÍGENA PIRINEUS DE SOUZA

Nambiquara, um termo emprestado do tupi-guarani e que significa orelha furada, consiste em uma designação geral para nomear um conjunto de mais de trinta grupos associados a uma única língua: Nambiquara. Eles distribuem-se em três áreas culturais: Vale do Guaporé, Chapada dos Parecis (ou do Cerrado) e Serra do Norte.

Embora partilhando de uma mesma filiação linguística e de elementos culturais comuns, distinguem-se claramente entre si por determinados aspectos de sua organização social, de sua cultura material e de seu sistema de crenças. Um grupo Nambiquara não adentra o território de outro grupo Nambiquara sem que antes tenha anteriormente notificado sua visita.

Em 1942 foi reservada pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) uma área de terras, Pirineus de Souza, para atender o Mato Grosso e o Território do Guaporé. Localizava-se no então município do Alto Madeira, à margem do ribeirão Espirito, nas cabeceiras do rio Doze de Outubro, território tradicionalmente ocupado pelos índios Nambiquara da Serra do Norte: Sabanê, Tawaindê, dentre outros.

Os grupos da Serra do Norte, neste caso, os da Terra Indígena Pirineus de Souza, atualmente com uma popu-

lação de 311 indígenas, distribuída em seis aldeias, não aceitam a denominação Nambiquara e fazem questão de serem identificados com suas autodenominações, tais como: Tawandê, Latundê, Idalamarê, Ialacolorê, Nechuan-dê e Sabanê, assim escritas em seus documentos.

Em 2002, parte população deixou as terras compreendidas na Terra Indígena Pirineus de Souza e retornou ao seu antigo território denominado como Sowaintê, localizado ao Sul do Parque Aripuanã atualmente também habitados pelos Cinta Larga.

Enquanto isso, nas aldeias da Terra Indígena Pirineus de Souza, os índios se queixam que as terras não são mais suficientes para atender as suas necessidades, em virtude do aumento populacional, escassez de animais destinados à caça e pela devastação ambiental causada pela ação antrópica no entorno de seu território. Os Sabanê e demais grupos habitantes da Terra Indígena Pirineus de Souza procuram caminhos alternativos para dirimir as dificuldades relativas ao uso e ocupação da terra. A exemplo, um grupo Tawandê e Idalamarê, da aldeia Sarizal, liderado por Leonel Tawandê, edificou uma área de acampamento de caça, pesca e coleta na área denominada Patuazal, considerada de uso tradicional, localizada

nas margens do rio Doze de Outubro, no extremo oeste da Terra Indígena Enawenê-Nawê.

A vivência intermitente com os não indígenas encontra-se imbricada em novos saberes. Para alguns grupos Nambiquara, são imprescindíveis o aprendizado do ler e escrever, assim como conhecer coisas do “branco” para se defender. Contudo, continuam a demonstrar grande interesse em registrar suas histórias, transmitidas pelos anciãos das aldeias, pela memória oral.

Os índios, diante às necessidades de novos bens de consumo, procuram outros caminhos que os levem à aquisição de produtos industrializados e se dá por um comércio entre desiguais, contrariando a noção da partilha, da generosidade necessária para viver em comunidade. Neste contraste, produzido por práticas sociais distintas, índios e não índios definem por relações os múltiplos espaços assinalados por profundas diferenças culturais. Os Sabanê e demais grupos da Serra do Norte, lastreados na tradição oral, reconstroem a experiência pela memória coletiva e individual. Relembra e presenciam momentos de sua história mítica, não só para revivê-la com intensidade no tempo presente, mas para reconhecer sua pertença a uma sociedade diferenciada.

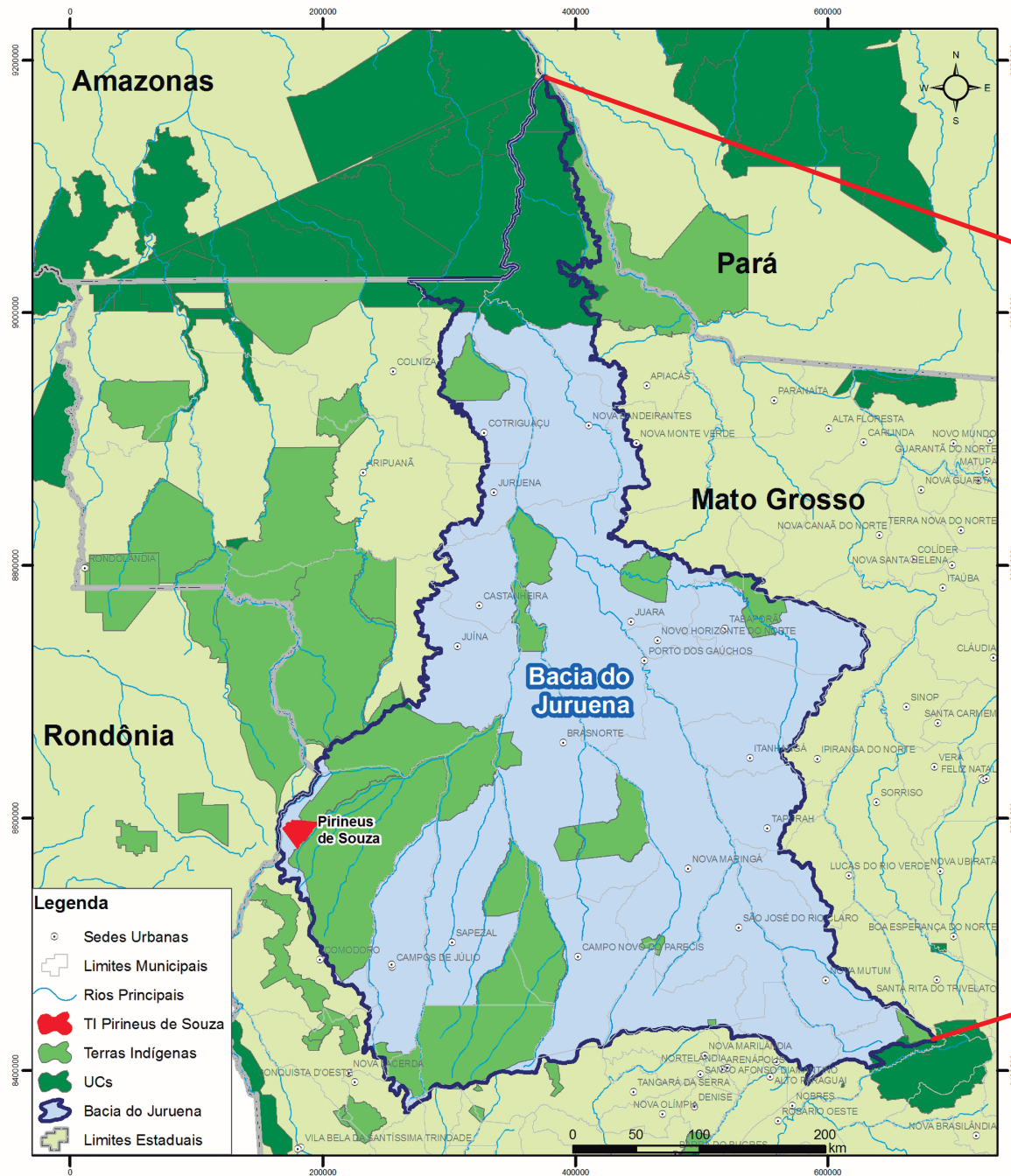
No território tradicional dos Sabanê e demais grupos Nambiquara da Serra do Norte, acha-se o Morcegal, um complexo de cavernas sagradas localizadas nas cabeceiras do rio Toleri, afluente do rio Doze de Outubro. Essa área, que não foi contemplada no processo de demarcação, é de uso permanente dos índios, mesmo que cercada por fazendas.

A cultura dos grupos da Serra do Norte vem sendo ressignificada em função de suas novas necessidades advindas com as mudanças e alterações provocadas pelo contato. Contudo, os índios mostram-se capazes de redimensionar seu universo mítico e explicativo de mundo, que não se restringe aos limites de seu território atual. Nessa dimensão, o discurso dos índios atribui significados às práticas culturais que elabora, organiza e dá sentido aos seus modos de viver.

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa

Centro Cultural Ikuipá/Funai

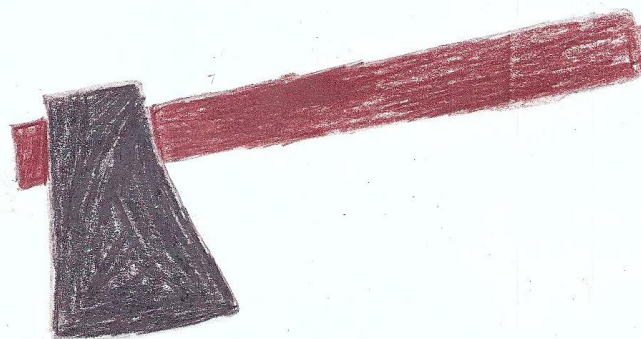
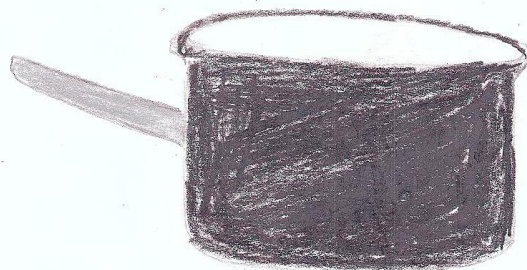
Univag – Centro Universitário de Várzea Grande



MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA TI PIRINEUS DE SOUZA NO CONTEXTO DA BACIA DO JURUENA



ONDE E COMO VIVEMOS?



O NOSSO TERRITÓRIO

O território é o ponto principal da nossa vida. É o que não pode faltar na nossa vida. Sem terra, a gente não tem nada para sobreviver. A nossa população está aumentando cada vez mais, por isso queremos retomar nossa terra.

O nosso povo está dividido em seis aldeias: Cerradinho, Aroeira Central, Açarizal, Oncinha, São João e Iquê. No território plantamos para sobreviver e na terra temos roça, plantio, temos tudo. Antigamente, o nosso povo só vivia da roça. Toda a alimentação vinha da roça, da caça e da coleta de frutas.

A nossa história da demarcação foi assim. Primeiro teve uma aldeia de Manduca, depois veio o SPI*. Depois do SPI, a FUNAI começou a juntar outros povos indígenas que moravam nas fazendas dos municípios de Rondônia.

Esses povos eram Tawandê, Sabanê, Idalamarê, Nechuandê e Ialakolorê. Depois teve estudo com antropólogo junto com a FUNAI e povos indígenas. Nossa área foi demarcada e homologada em 1982 e chamada Terra Indígena Pirineus de Souza. Algumas lideranças fortes que ajudaram neste processo foram Joaquim Sabanê, Frederico Tawandê, Pedrinho Manduca, Manoel Sabanê, Maneirão Tawandê, Luiz João Manduca e Raimundo Tawandê.

É importante o território demarcado porque temos mais segurança para viver, fazer roça, caçar e pescar. Tirar enfeite para a festa de menina moça sem preocupação com pessoa estranha, porque sabemos que a área é nossa, do povo indígena.

* Serviço de Proteção aos Índios, órgão responsável pela política indigenista do Brasil de 1910 a 1967.



A ROÇA TRADICIONAL

Nós da comunidade indígena Pirineus de Souza temos o costume de fazer a roça no mato bruto para plantar milho, banana, cana e arroz. Na outra parte utilizamos a capoeira para plantar as plantas nativas, como mandioca, taioba, cará, araruta e sementes de feijão. As sementes tradicionais que nós usamos desde os nossos antepassados são importantes para podermos valorizar o nosso costume tradicional do povo. Temos roça comunitária e roça individual. Plan-

tamos vários alimentos para o ritual da menina moça.

A roça na aldeia é muito importante para a comunidade porque traz muitos benefícios aos povos. Antes de fazer a roça, devemos escolher o lugar mais adequado para que quando a roça for feita, não dê problema no plantio. No primeiro momento, nós escolhemos o local. Tem lugar que dá certo para plantio. É através da roça que tiramos o sustento.

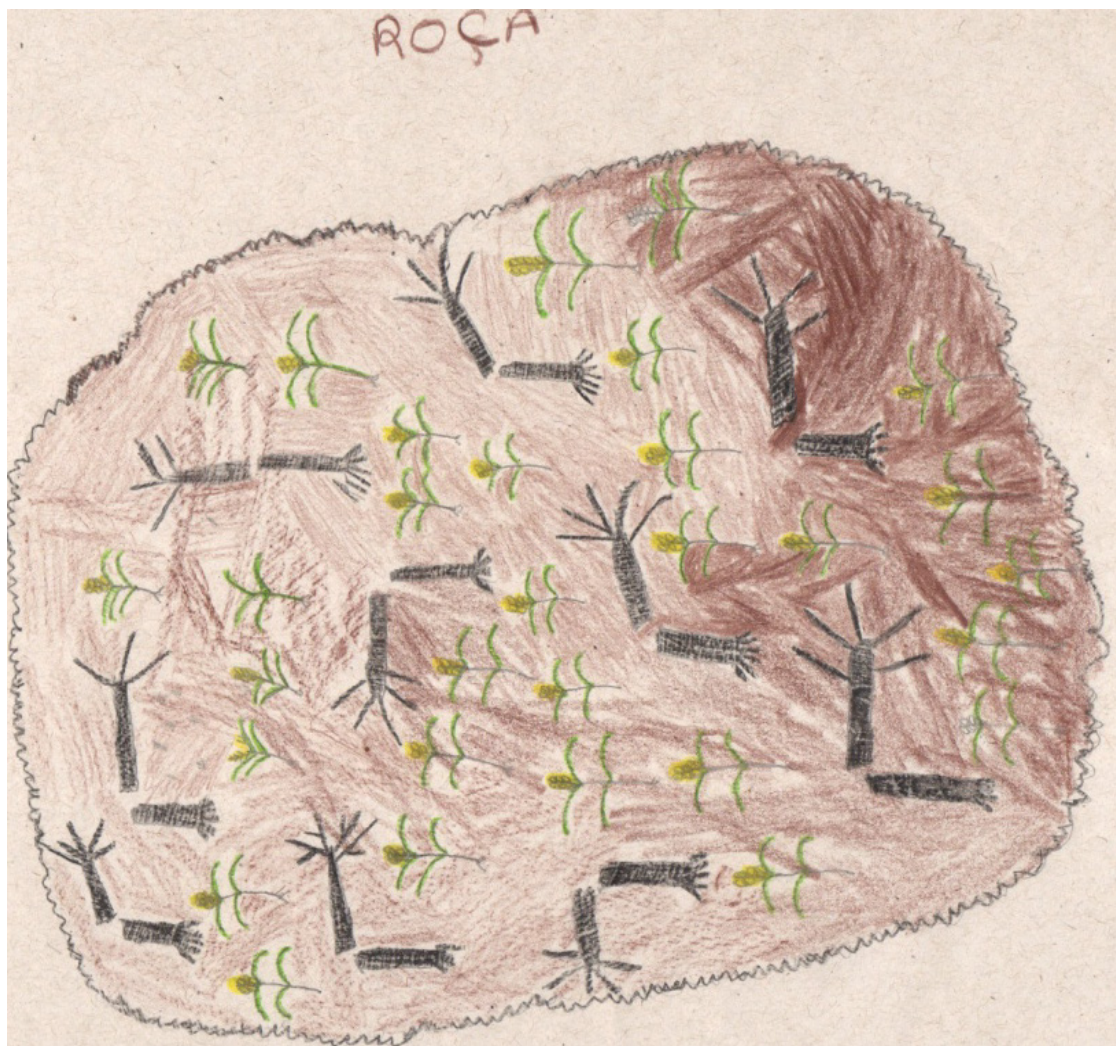






A roça na nossa língua materna é chamada de “yanika” quando está pronta. Aí, quando dá a primeira chuva, os povos se reúnem para realizar o plantio na comunidade. Muitas vezes roçamos a capoeira para plantar milho, mandioca, abacaxi, banana, macaxeira, feijão-fava, batata-doce e outras. O plantio da banana serve para o consumo, para a venda e entrega no mercado da cidade de Vilhena – RO.

O nosso povo faz a roça de toco para o plantio. O dono da roça faz o seu mutirão, chama todos para fazer a limpeza nas roças das aldeias.





A roça também está ligada ao território. Os alimentos são usados para a festa tradicional da menina moça. Por isso valorizamos a prática dos rituais, que passamos para os jovens conhecerem a realidade do nosso povo.

Juntamente com os caciques das aldeias é feito o plantio. Plantamos e colhemos para servir e preparar os alimentos para termos saúde.

É importante na nossa sociedade indígena se alimentar bem no dia a dia, para termos a nossa saúde de qualidade. Por isso valorizamos as roças tradicionais na nossa comunidade. Isto traz o conhecimento e a melhoria da sobrevivência.

Também fazemos a farinha para a venda. Já temos entrega no mercado. Ainda temos o plantio de banana que nós consumimos e vendemos.





O PATUAZAL



Os povos sempre cuidaram do lugar onde encontramos os pés de patuá, por isso chamam de patuazal. Até hoje mantemos este lugar, pois é muito importante até mesmo para caçar, pescar, coletar objetos e tirar o mel das abelhas.

Antigamente, os homens e mulheres saíam de manhã para ir no mato em busca de patuá. O homem tirava a imbirá e laçava o pé para poder subir no pé do patuá. Lá o homem cortava o cacho de patuá e jogava para baixo. A mulher pegava o xire e catava as frutas. E os dois retornavam à sua maloca.

Nós não derrubamos todos os pés de patuá porque um dia eles podem acabar.

O patuá é uma árvore bem alta que dá fruta em quatro cachos. É uma fruta bem saudável, de suco maravilhoso. Quando derrubamos os pés de patuá, ele dá coró, que serve para comer. É bom e gostoso. Os velhos guardavam muitas histórias de patuá. Essa fruta serve para a nossa cultura.





A filha mais velha pega o xire de sua mãe e prepara a chicha. Primeiro morna o patuá na água, aí deixa alguns minutos. A casca do patuá amolece, então ela leva para socar o patuá, tira do pilão, leva para a panela de barro e mistura um pouco de água. Depois coa a chicha e tempera com o mel e já pode servir para todo mundo que está presente na maloca. Assim é a história da chicha.



MAPA DE COLETA



Etnomapeamento da Terra Indígena Pirineus de Souza

Município de Comodoro - MT, Janeiro 2013

Projeção Cartográfica South American 1969
Sistema de Coordenadas Métricas
UTM - Universal Transversa de Mercator 21S

Fonte complementar:
SEMA - Secretaria Estadual de Meio Ambiente.
Edição Cartográfica: Rodrigo Marcelino

Legenda

- Estrada
- Rio Doze
- Buriti
- Fátua
- Gariroba
- Taboca
- Açai
- pequi
- bacaba
- Tucumã

- Bunitirano
- Cacau
- Coçu

Autores:
Nívio Sabané
Carliho Sabané
Jailton Sabané
Jaime Sabané
Juramira Sabané
José Elias Sabané
Amaril Sabané
Devair Tawanze
Milo Sabané
João Sabané
Elaine Sabané
Luiza Mendes
Maurício Tómbi
Anderson Sabané



A TAQUARA

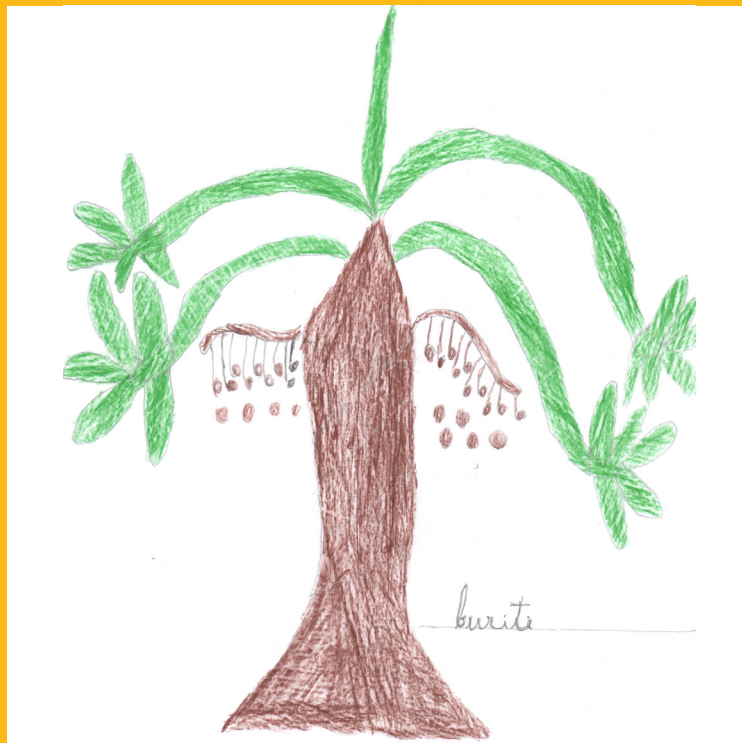




As mulheres coletam a taquara para fazer xires.



O BURITI



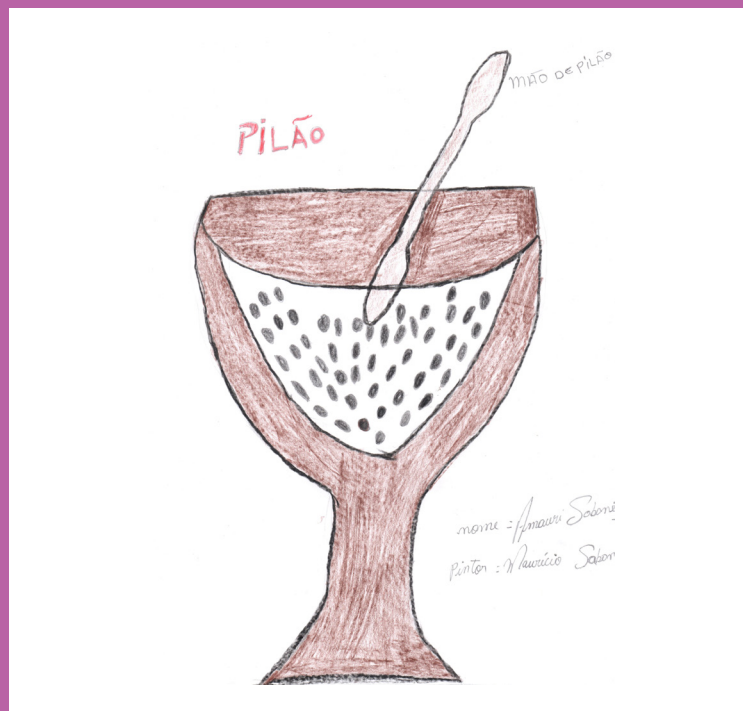
Por Jair Sabanê

Os povos indígenas buscam os frutos do buriti para fazer a chicha.
Quando nós realizamos o ritual da menina moça,
buscamos lá no rio Doze de Outubro e também em outros lugares.

Ela é uma fruta saborosa, que não só o ser humano utiliza.
Também os animais consomem para sua sobrevivência.



A HISTÓRIA DO PILÃO E A MÃO DELE



Por Jair Sabanê

Este material é usado para socar as frutas quando elas estão prontas.

Nós usamos para fazer outras coisas na nossa comunidade.

Ele é feito de uma madeira chamada faveira-do-campo.

É usada em diversos trabalhos como para pilar arroz e mesmo a farinha quando fica deformada em um jirau.

Também usamos para socar a carne seca no jirau para o ritual da menina moça.

Caixa de Patua
Patua Colhida
Pilão
mão de Pilão

Antônio



O MORCEGAL

Quando saímos para ir ao mato matar morcego, primeiro os velhos se reúnem com todos da aldeia e conversam com o pajé. A caverna do morcegal fica a aproximadamente sete quilômetros da aldeia, faz divisa com a Terra Indígena Enawenê Nawê. Por isso queremos a demarcação, para que fique dentro da nossa Terra Indígena Pirineus de Souza. Neste lugar tem muita riqueza. É um lugar de mata virgem que serve para caçar, pescar e coletar o mel das abelhas. Também colhemos frutas como a pama, a bacaba e outros tipos. É um lugar que tem muita caça como porcão, cateto, paca, anta, macaco-barrigudo, prego, guatá, cuxiu e outros animais. Esta prática de caçar é sempre passada de geração para geração. Esta caverna é usada desde os nossos antepassados. Primeiro foram os pajés. Dali para cá, os mais velhos começaram a levar os mais jovens da aldeia.



Nunca nos esquecemos deste lugar, só que para entrar dentro da caverna o pajé precisa falar com o espírito do morcego. Depois de conversar, o pajé autoriza a entrada na caverna, que é a casa do morcego. Antes de chegar perto da casa do morcego, a aproximadamente 20 metros, os rapazes fazem silêncio e pegam os galhos de árvore para poder matar os morcegos.

Eles se preparam antes quebrando a vara para matar o morcego. Antigamente, nós não matávamos os morcegos com lanternas, só com breu do mato. Chegando lá dentro da caverna, o pajé mais velho dá um grito muito forte e os acompanhantes já entram junto e começam a abater os morcegos. Um pouco da turma vai varetando, outros já vêm atrás catando os morcegos. Os jovens ficam na boca da caverna varetando os que vão saindo.



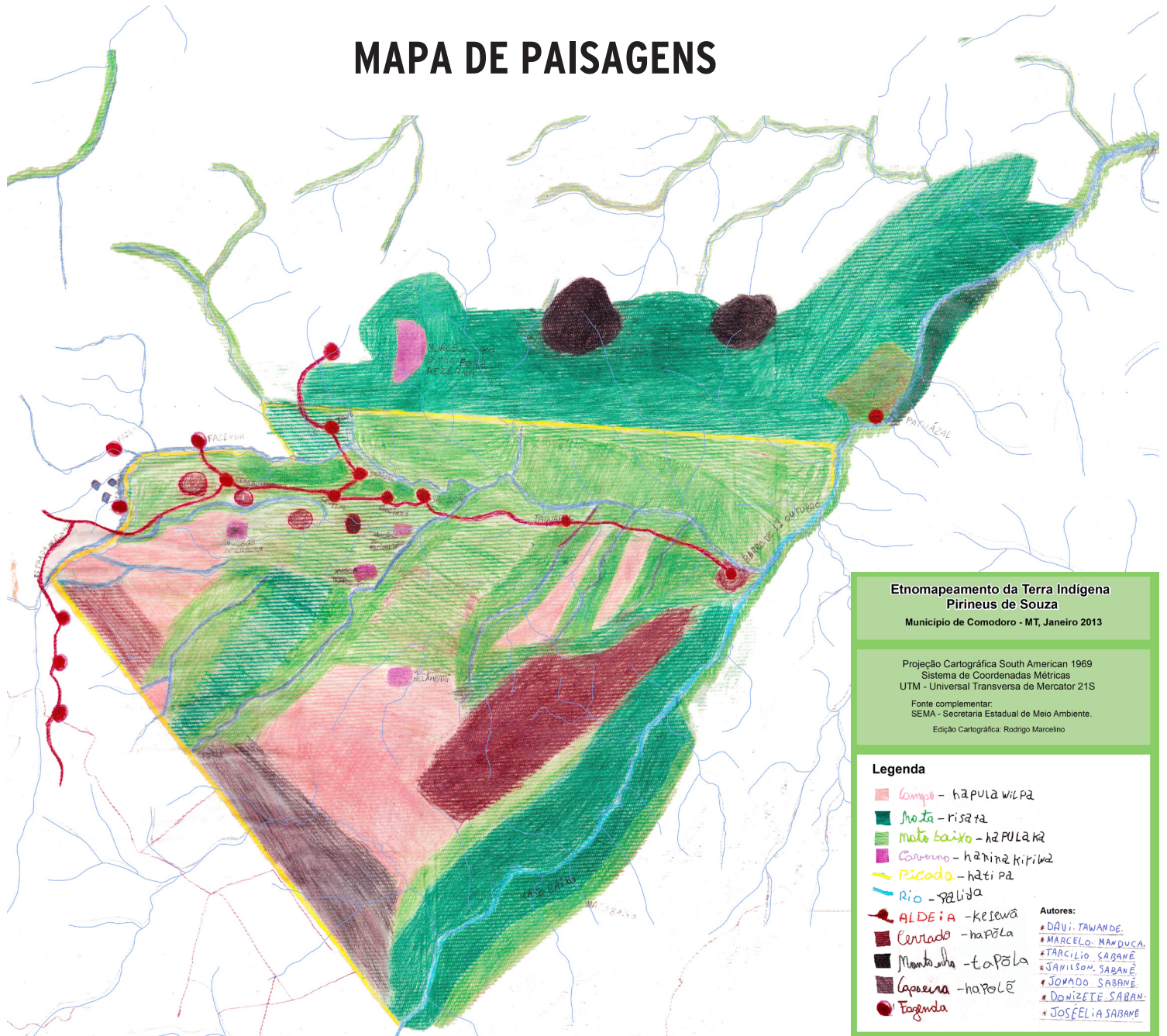


Depois que todos matam os morcegos, nós preparamos a volta. Retornamos primeiro saindo o cacique, que chama o pajé e o pajé pergunta: “Tá tudo bem com vocês? Não ficou ninguém lá dentro perdido?” O pajé conta as pessoas e quando ele vê que está tudo certo com o pessoal, ele fala para o cacique: “Agora vamos fazer o fogo para comer os morcegos”. Depois pergunta para outras pessoas se todo mundo conseguiu matar os morcegos. E pede para dividir com aqueles que não mataram. O pajé fala: “Não pode ninguém ir embora sem nada, todo mundo tem que levar caça para a sua família”. Tem sido assim há muito tempo e até hoje nós temos a nossa história.

O morcego é um animalzinho que mora e vive no buraco da pedra e serve de alimento para os povos indígenas. O morcego se alimenta de fruta do mato e do Cerrado. A nossa região tem três tipos de morcegos que comemos e dois tipos que não comemos: aqueles que chupam o gado e os que moram no oco do pau e da pacova, conhecida como bananeira-da-mata. Esses dois tipos não prestam para comer. Esses morcegos fazem mal à saúde e só sobrevivem de sangue dos outros animais. Eles não têm nariz e são muito perigosos porque têm as doenças que veem deles mesmos. Por isso temos muito cuidado para não sermos prejudicados pelos morcegos contagiosos.



MAPA DE PAISAGENS



Etnomapeamento da Terra Indígena Pirineus de Souza

Município de Comodoro - MT, Janeiro 2013

Projeção Cartográfica South American 1969
Sistema de Coordenadas Métricas
UTM - Universal Transversa de Mercator 21S

Fonte complementar:
SEMA - Secretaria Estadual de Meio Ambiente.
Edição Cartográfica: Rodrigo Marcelino

Legenda

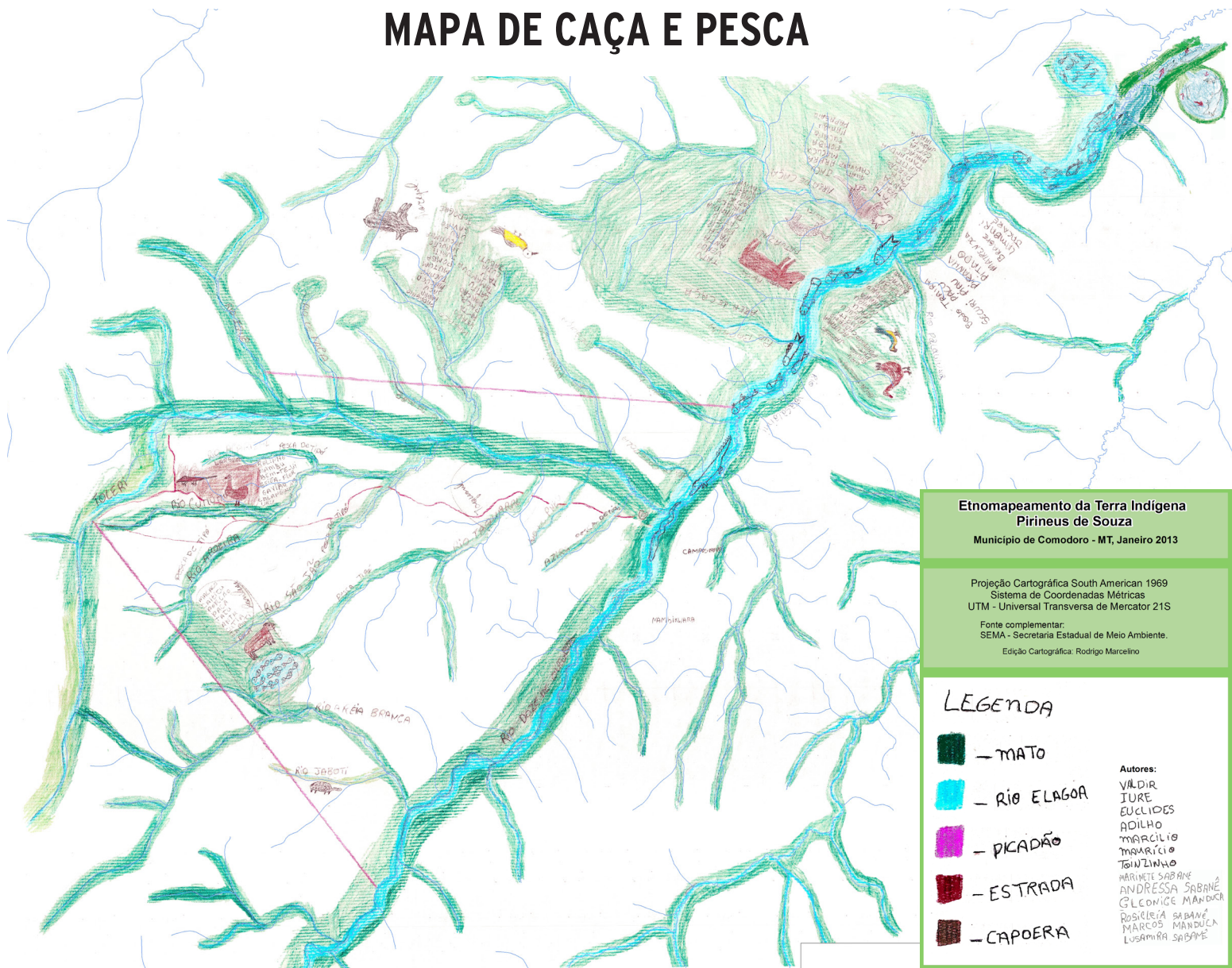
- Canga - hápula wípa
- Mata - risa'a
- Mato baixo - hápula ká
- Cerrado - hárina kipiwa
- Piscado - háti pa
- Rio - sáli'a
- ALDEIA - kejevá
- Cerrado - hápöla
- Montanha - tápöla
- Capoeira - hápöle
- Fogenda

Autores:

- DAVI TAWANDE
- MARCELO MANDUCA
- MARCELO SABANÉ
- JAMILSON SABANÉ
- JOMADO SABANÉ
- DONIZETE SABANÉ
- JOSEFELIA SABANÉ



MAPA DE CAÇA E PESCA



Etnomapeamento da Terra Indígena Pirineus de Souza

Município de Comodoro - MT, Janeiro 2013

Projeção Cartográfica South American 1969
Sistema de Coordenadas Métricas
UTM - Universal Transversa de Mercator 21S

Fonte complementar:
SEMA - Secretaria Estadual de Meio Ambiente.
Edição Cartográfica: Rodrigo Marcelino

LEGENDA

- MATO
- RIO ELAGOR
- PICADÃO
- ESTRADA
- CAPOERA

Autores:
VÁLDIR
JURE
EUCLIDES
ADILHO
MARCILIO
MARCILIO
JOHN ZINHO
MARI NETE SABANE
ANDRESSA SABANE
GLEONICE MANDRA
ROSILEIA SABANE
MARCOS MANDUCA
LUSMIRA SABANE



O RITUAL DA MENINA MOÇA

Quando a menina completa entre 12 e 13 anos de idade, vem a primeira menstruação. A menina conta para sua mãe, então passa ao pai em seguida, procura o cacique e marca um dia para reunião com a comunidade. A menina moça não pode andar nem brincar com outras colegas. Ela precisa ficar presa numa oca. Se ela não fica presa, vai ficar doente.









A mãe convoca as mulheres para irem até o mato colher palha de açai. As mulheres levam facão para cortar as palhas e, chegando na aldeia, elas preparam uma fossa. Em seguida, elas cobrem as palhas em volta. Depois que a oca fica pronta, vem um ancião pegar na mão da menina, que é levada até a sua casinha, onde ela vai ficar por pelo menos dois meses. Os homens trabalham junto com as mulheres, cortam taquara, imbira, varas, palhas de açai e de guariroba. Outras palhas que nós usamos são inajá para fazer abanador e para acabar de fechar a oca, que nós chamamos de casinha. Nós usamos uma oca para guardar ou prender a menina moça, assim ela vai crescendo com saúde.



O dono da festa, juntamente com a comunidade, prepara muitos alimentos tradicionais. As mulheres preparam a chicha e o biju.

Para praticarmos a dança ritual da menina moça, é necessário fazer a colheita de frutas como bacaba, buriti, patuá, etc. E produtos da roça como mandioca d'água, macaxeira, batata-doce, cará, araruta, etc.

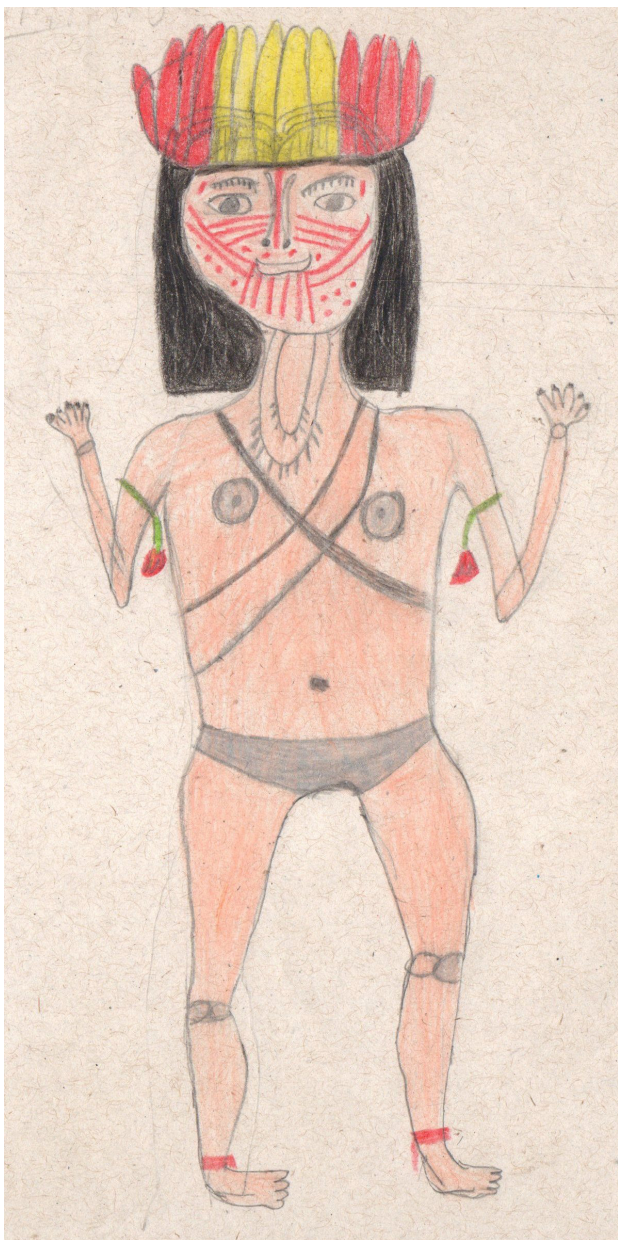
Todo esse trabalho é importante para a população indígena porque a menina, quando cresce, nunca pode ficar doente.



O pai da menina marca um dia para fazer a sua primeira festa. O cacique marca um dia de reunião para a caçada final. Quando nós temos a festa, procuramos fazer uma grande caçada para pegar macaco-barrigudo (miki-rapita), macaco-prego (wolonono) paca, anta, tatu-galinha (yolai), tatu-canastra (molõla), caititu, veado (iawasa), mutum, jacu (tamõtãmo), macuco, arara e jacamim. Tem também a pesca da traíra, pacu e jacaré. Tudo isso faz parte da nossa alimentação na festa.







Nós nunca abandonamos a cultura ou tradição da dança ritual da menina moça. Os homens fazem a pintura no corpo. As meninas e as mulheres pintam o rosto e cortam os cabelos. Usamos várias pinturas como urucum, jenipapo, açafreão, palha de buri-ti, palha de inajá, e também cocar da pena de aves como arara, papagaio, tucano, etc. E também cocar de coco.









Sempre que nós temos a festa, procuramos nos comunicar com outras comunidades para participarem. O dono da festa faz um bom convite para os parentes próximos que moram nas aldeias distantes, que são os Sowante, Nambiquara e Mamaindê.

A festa dura a noite toda até o amanhecer. Assim os convidados saem contentes com a festa.





O nosso ritual tem vários significados muito importantes.
Por isso nós sempre praticamos os nossos rituais da menina moça.

O ritual da menina moça é a nossa cultura que vem desde os
nossos antepassados. É por isso que dançamos.

O QUE QUEREMOS PARA O FUTURO?



Lugar de muita
casa.

No nosso plano, tudo está interligado.
Todos os temas: território, educação, saúde, roça
abrangem tudo da nossa vida.
Todos os pontos têm que ser trabalhados juntos.

ME MANDUCA

RIO AROEIRA

ALDEIA SÃO JOÃO

MATA PARA CAÇAR

ALDEIA TAQUARAL

RIO TAQUARAL

RIO SÃO JOÃO

ROÇA

ROÇA

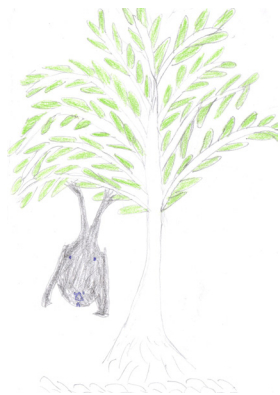
RIO TAMBARIN

MATA PARA CAÇAR

LAGOA



TERRITÓRIO TRADICIONAL



A nossa Terra Indígena Pirineus de Souza precisa ser ampliada para que a nossa área tradicional da caverna do morcegal, que está fora da nossa reserva, faça parte. Ali é um local sagrado para o nosso povo. Este lugar é onde os nossos pajés conversavam com os espíritos para nos defender das doenças, do mal, e dar mais saúde. E também nós usamos para fazer a caçada, tirar mel e coletar matérias-primas para confeccionar os artesanatos.

Queremos a parceria com o povo Enawenê Nawê para que nós também possamos utilizar o patuazal, fazer caçada, pescaria, coleta de matérias-primas para artesanato, para o uso do povo. O patuazal é um lugar sagrado para o nosso povo desde muitos anos atrás. Os nossos antepassados já usavam este local para esses fins. Por isso nós estamos em busca de parceria, para este local nunca ser abandonado por nós.

Também queremos ter estradas boas porque quando chega o tempo da chuva a estrada fica cheia de buraco e a gente encontra dificuldade para escoar o nosso produto até a cidade e socorrer as pessoas doentes. Nós contamos com o apoio do prefeito ou qualquer órgão que venha enxergar a situação que estamos sofrendo.



ROÇAS TRADICIONAIS NO NOSSO CALENDÁRIO

O primeiro passo é ampliar as nossas roças da aldeia, ter apoio através de semente e também com outro povo indígena para conseguir as sementes nativas como taioba, cará, araruta, amendoim, milho-fofo, feijão-fava e feijão-andu. Também apoio no combustível e ferramentas, como por exemplo: machado, enxada, foice, lima e facão.

A roça tradicional faz parte da educação. Os alunos podem participar das atividades que acontecem no dia a dia, entender e valorizar as línguas maternas e rituais na nossa comunidade.

Temos que valorizar o nosso calendário, que garante o conhecimento dos alunos. É importante entender como funciona o nosso calendário, feito pelos professores, lideranças e com a participação dos anciãos, juntamente com os alunos. Devemos assegurar a nossa roça tradicional no PPP* da escola para que a SEDUC respeite o nosso plano de roça tradicional.

* Projeto Político Pedagógico.





GERAÇÃO DE RENDA NAS ALDEIAS

Atualmente, a fonte de renda dos povos Sabanê, Tawandê, Manduca, Nechuandê, Idalamarê e Ialakolorê está em cima da roça de toco e na venda dos produtos como banana, macaxeira, abóbora, farinha de mandioca, abacaxi e batata-doce. A roça que temos ainda não é suficiente para atender a comunidade, por isso estamos ampliando as áreas de roça. Cada família tem sua roça individual. Além disso, precisamos ampliar muito mais, fazendo açude, criando gado e galinha, tirando mel, óleo de copaíba e seringa. Tudo isso porque pensamos no futuro dos nossos filhos e jovens.

Nosso povo também tem Bolsa Família, programa do governo federal, aposentadoria e auxílio de doença. Algumas pessoas trabalham remuneradas. Precisamos de apoio de órgãos como FUNAI, CIMI, OPAN e outras entidades para fortalecer nossa cultura, tanto para o comércio como para artesanatos, enfeites e a venda.

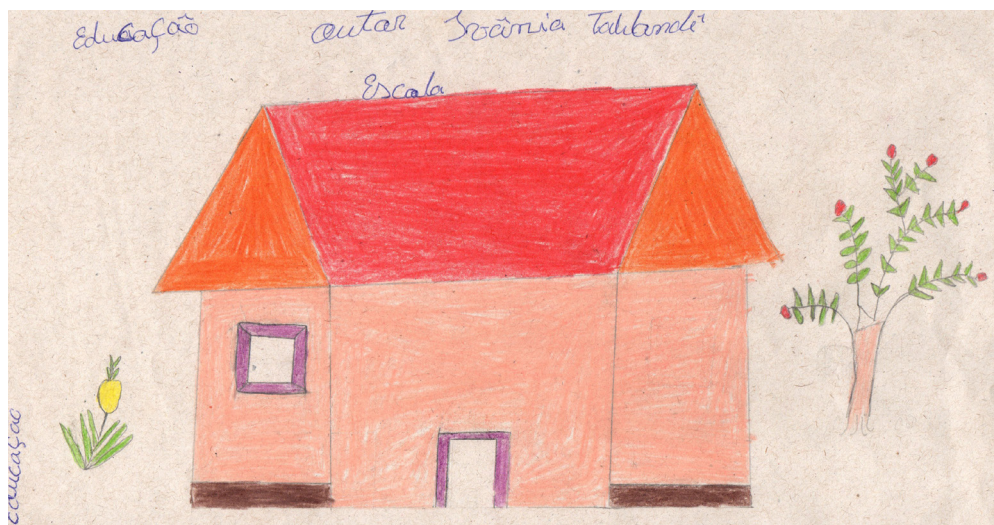


EDUCAÇÃO É CONHECIMENTO DO TERRITÓRIO

O primeiro ponto principal é ter escola adequada que ofereça condições de melhoria para os professores trabalharem e para os alunos estudarem. Para isso, precisamos buscar parcerias com órgãos competentes.

Temos sempre que trabalhar em conjunto com os professores, lideranças, agentes de saúde, pajés, parteiras, presidente da associação e demais líderes, não esquecendo da nossa cultura como idioma, roças tradicionais, artesanatos. Sempre buscando conhecimento e trocando experiências com outros parentes.

Os professores precisam sempre orientar os seus alunos para buscar conhecimento do seu território e pontos de caça e pesca. É preciso que a secretaria de educação capacite mais os professores indígenas para trabalhar dentro da sala de aula da sua própria aldeia.





MELHORAR A SAÚDE

Precisamos buscar parceria dos órgãos competentes para ajudar a cobrar da SESAI a construção de um postinho de saúde na aldeia Aroeira/Central para dar condição das equipes trabalharem no atendimento da saúde das comunidades. A qualidade da água também tem que melhorar. Devemos implantar e fazer poços artesianos na aldeia e contratar agentes de saúde AIS e AISAN.

Tem também o pajé. O pajé cura, tira o que faz mal e daí dá remédio. Como tem médico, a mesma coisa é o pajé. Ele fala: “Você está doente nisso”. Não é só curar um dia, pode ser dois dias, cinco dias. Esse é o trabalho do pajé, mas hoje tem pouco pajé. Precisamos de pajé para curar doença, fazer trabalho para a menina moça. A comunidade tem que trabalhar em cima disso para não acabar.







O RITUAL DA MENINA MOÇA É DESDE O COMEÇO DO NOSSO SURGIMENTO

A gente sempre fala da festa. É preciso preparar alimentação suficiente para não decepcionar os convidados.

Para nossa cultura estar forte é preciso a participação dos jovens. Com eles, a festa fica mais bonita.

É importante passar para os jovens a cultura para que ela não se acabe. Música de ritual é muito difícil. Tem música de tudo: de bicho, de mel, de macaco, de porco, da abelha mandaguari. O problema hoje é da língua. Só

de branco hoje. Só velho hoje é que fala na língua. Jovem tem que aprender a nossa língua, as músicas. Não pode ter vergonha.

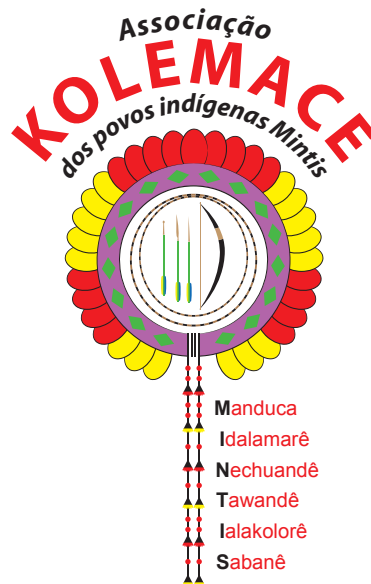
A gente tem que interagir com os anciãos. Os jovens têm que se animar, trabalhar em cima da cultura.

Hoje a gente conta com os jovens porque o nosso conhecimento é passado de geração a geração.





A ASSOCIAÇÃO ESTÁ JUNTO COM A COMUNIDADE



A associação é muito importante para a comunidade. Pode garantir muita coisa. Ela surgiu em 1997 no dia 13 de maio. A organização veio pelo grupo da comunidade para criar a associação, garantir a melhoria do recurso para a sobrevivência da comunidade.

Através de projetos, podemos garantir recursos na associação. Podemos ter um bom relacionamento na organização da comunidade. No futuro, a associação pode trazer muitos projetos para melhoria da nossa vida social na aldeia.

A associação também pode ter recursos através do ICMS Ecológico, pela prefeitura do município de Comodoro, em Mato Grosso. A maior dificuldade que enfrentamos é que não temos energia porque o município de Comodoro não possui parceria com o estado de Rondônia. Precisamos da FUNAI para fazer este acompanhamento junto à comunidade.

ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DO PLANO DE GESTÃO





AUTORES DOS DESENHOS E TEXTOS

Adilho Sabanê
Adriano Tawandê
Amauri Sabanê
Ana Lúcia Sabanê
Andressa Sabanê
Antônio Manduca
Autair Sabanê
Carlinhos Sabanê
Clara Sabanê
Cleonice Manduca
Darcy Tawandê
Davilson Tawandê
Davi Sabanê
Davi Tawandê
Donizete Sabanê
Edilene Sabanê
Eduardo Sabanê
Elaine Sabanê
Eliane Manduca
Euclidio Tawandê
Iracine Manduca
Iranildo Tawandê
Irasilda Sabanê
Ivânia Tawandê
Jair Sabanê
Januário Sabanê
Jaqueline Sabanê
Jarina Tawandê.
Jonado Sabanê
José Benedito Sabanê



José Carlos Mamandê
José Carlos Sabanê.
José Henrique Sabanê
Leonel Tawandê
Lourival Sabanê e Davi Tawandê
Luiza Sabanê
Maciel Sabanê
Magno Camilo Tawandê
Marcelo Manduca
Marcos Manduca
Maria Helena Tawandê
Marilza Sabanê
Marinete Sabanê
Maurício Sabanê
Mazania Sabanê
Neide Tawandê
Nerli Sabanê
Neves Sabanê
Nildo Sabanê
Nilva Sabanê
Otair Sabanê
Rafaela Sabanê
Ricardo Manduca
Rosicleia Sabanê
Tarcilo Sabanê
Tarcísio Sabanê
Tatiane Sabanê
Valdir Sabanê
Viane Sabanê
Wilson Tawandê





Realização:



Parceiros:



Patrocínio:



PETROBRAS

